

Simone de Beauvoir e a política*

Marco Aurélio Garcia**

Em 1960, quando Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir vieram ao Brasil, o autor destas notas era um jovem estudante de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Militante de esquerda e leitor de Sartre desde os 14 anos – através de quem descobriu Simone um pouco depois – ele, como boa parte de seus colegas, acompanhava com enorme entusiasmo na imprensa do Rio e de São Paulo as notícias sobre a passagem dos dois intelectuais pelo Brasil e não via a hora em que eles desembarcariam em Porto Alegre para uma conferência ou um debate, como Albert Camus havia feito em 1948, segundo contavam os mais velhos.

Subitamente corre o rumor que Sartre e Simone haviam desistido de vir ao sul, pois alguns professores da universidade local opunham forte resistência à presença deles “por razões morais”. Um professor de História da Filosofia, político conservador e clerical, se escandalizava, segundo se dizia, que Sartre e sua “amante” pudessem apresentar-se em Porto Alegre. Na mesma linha, ainda que com um tom fascistóide, coerente com seu passado **integralista**, o professor de Lógica bradava em suas aulas contra a possível visita de Sartre-Simone, exibindo, ao mesmo tempo, sua total ignorância da filosofia existencialista.

Um manifesto foi organizado para que os dois viessem e, a despeito das centenas de assinaturas recolhidas, Sartre e Simone desistiram da viagem, segundo foi dito, para evitar encrencas.

O país vivia, naquele momento, período de grande efervescência política e intelectual.

* Recebido para publicação em outubro de 1999.

** Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas.

Simone de Beauvoir e a política

Sartre e Simone chegavam ao Brasil não somente como dois escritores e filósofos famosos, mas como simpatizantes da recentemente vitoriosa revolução cubana, que incendiava corações e mentes por toda a parte.

A série dos artigos de Sartre sobre Cuba publicada em Paris, no jornal *France Soir*, foi aqui traduzida por *Última Hora* e, coincidindo com sua chegada ao Brasil, republicada em livro.¹

A simpatia dos dois escritores pela revolução cubana não era atitude isolada em suas biografias. Desde o fim da guerra os nomes de Sartre e de Simone apareciam – quase sempre de forma polêmica – ligados a causas progressistas na Europa e no que então se chamava de “terceiro mundo”.

A indignação do jovem estudante de filosofia e de seus colegas era dupla. Na reação anti-Sartre/Simone de alguns de seus professores eles viam não somente a manifestação de uma posição política de direita, mas também a expressão de um insuportável moralismo, profundamente provinciano.

Vinte e seis anos mais tarde, lendo aquela que talvez seja até hoje a mais completa biografia de Sartre², o ex-estudante (e ex-jovem) pôde constatar que nos anos que se seguiram ao fim da guerra, quando Sartre/Simone se transformaram em verdadeiros ícones da intelectualidade francesa e mundial, eles haviam provocado reações de hostilidade semelhantes, ou mesmo mais fortes, não somente por suas posições políticas, mas sobretudo pelo “mau exemplo” pessoal que davam.

Simone de Beauvoir, fora hostilizada “por razões morais” após seu romance *A Convidada (L'invitée)*, mas é com a publicação de *O Segundo Sexo* que ela será objeto de um ataque generalizado por parte de vários segmentos da opinião pública francesa.

¹ SARTRE, Jean Paul. *Furacão sobre Cuba (e depoimentos de Rubem Braga e Fernando Sabino)*. Rio de Janeiro, s/d (mas seguramente 1960), Editora do Autor, 223 p.

² COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Paris, Gallimard, 1986, 728 p.

As reações se multiplicavam. François Mauriac, em carta a um colaborador da revista *Les Temps Modernes*, da qual Simone era uma das responsáveis, escreve que, lendo *O Segundo Sexo*, passou a “saber tudo sobre a vagina de sua patroa.” Mais direto que o escritor católico, um parisiense que reconheceu Beauvoir nas ruas, na mesma época, não hesitou em cuspir-lhe.³

É possível que a Porto Alegre do início dos anos 60 tenha repetido tardiamente – no entusiasmo ou na ojeriza que Sartre/Beauvoir provocavam – a Paris dos primeiros anos do pós-guerra.

Nos dois casos, e guardadas todas as proporções, havia um elemento comum nas reações suscitadas. Em Sartre, como em Simone, política e moral apareciam associados e se refletiam tanto em seus escritos filosóficos como em suas obras literárias.

Sartre e Simone eram admirados ou odiados não somente pelo que escreviam mas pelo que eram. Suas experiências e concepções de vida eram importante matéria prima de seus escritos.

Na obra romanesca de Beauvoir a reconstituição da experiência vivida é central mas ela tenta colocá-la “em situação”. Seus romances – especialmente *A Convidada* e *Os Mandarins* – são indisfarçavelmente auto-biográficos. Neles a dimensão subjetiva se articula com a política, ainda que em uma forma particular, para alguns, justaposta. Se “não houvesse o pano de fundo histórico da guerra e da Resistência, suas personagens pareceriam flutuar no vazio, sós, em um mundo privado de outros indivíduos cuja concepção pessoal, e talvez diferente, da liberdade arriscaria contrariar a sua. No mundo que ela descreve, a liberdade individual e as considerações sociais, sem falar dos condicionamentos, não querem dizer nada para o indivíduo e não o afetam.”⁴

³ BAIR, Deirdre. *Simone de Beauvoir*. traduzido do inglês por Marie-France Paloméra, Paris, Fayard, 1997, pp.470 e 471.

⁴ Id., ib., p.355.

Simone de Beauvoir e a política

Como se não bastassem esses romances *à clef*, a publicação ulterior de suas memórias – *Memórias de uma moça bem-comportada*, *A Força da Idade*, *A Força das Coisas* e *A Cerimônia do Adeus* – completava o grande projeto existencial e literário no qual ela trata de “informar e descrever, mais do que seduzir e sugerir. Sempre de articular a vida privada à vida pública.”⁵

A análise das relações de Simone de Beauvoir com a política não se pode limitar apenas à constatação sobre seu “engajamento” a partir de 1944, quando da libertação da França, ou, anteriormente, em suas incursões marginais na Resistência ao ocupante alemão.

A obra de Beauvoir, como a de Sartre, antes mesmo da publicação de *O Segundo Sexo*, teve forte impacto na medida em que se constituiu em referência existencial para amplos segmentos da juventude francesa e de outras partes do mundo, especialmente para as mulheres.⁶

O existencialismo – independentemente do fato de haver-se transformado em um modismo no imediato pós-45 – permitia às gerações de classe média, saídas do pesadelo e das incertezas da guerra, construir uma identidade e dar-se um **projeto**, para retomar a terminologia sartreana.

O valor liberdade – no centro da reflexão de Sartre/Beauvoir – convidava a estruturar um novo paradigma ético, moral e político.

⁵ OZOUF, Mona. *Les mots des femmes – essai sur la singularité françaises, (édition augmentée d'une posface)*. Paris, Gallimard (coll. Tel), 1999, p.319.

⁶ O livro de Bair (op. cit.) incorpora inúmeros depoimentos de francesas e norte-americanas sobre o impacto da obra de Simone no processo de emancipação das mulheres. Esse impacto não decorreu apenas de seus escritos “feministas” (*O Segundo Sexo*, por exemplo), mas de sua obra romanesca e memorialística. Tanto quanto suas idéias, a experiência vivida de Beauvoir, exerceu enorme influência, criando novos paradigmas existenciais. Uma pesquisa sobre a impacto das *Memórias de uma moça bem-comportada* sobre as intelectuais brasileiras, que tiveram papel importante no (re)nascimento do feminismo aqui, poderia oferecer elementos significativos para a reconstrução da cultura política que antecedeu e influenciou esse movimento de fins dos 70 e dos 80.

A insistência com que o nome de Simone foi, e é até hoje, citado junto ao de Sartre – paradoxal em se tratando de alguém então chamada de “deusa do feminismo” – se explica pela inseparabilidade de suas biografias e pela relação politicamente (e intelectualmente) subalterna que ela sempre assumiu em relação a seu companheiro.⁷

O “engajamento” político de Simone de Beauvoir e de Sartre data de 1945 quando eles decidiram criar junto com um ex-colega de universidade (Merleau-Ponty) e outros intelectuais a revista *Les Temps Modernes*, através da qual pensavam poder influenciar a vida política francesa mantendo equilíbrio tanto em relação aos comunistas como frente ao gaulismo.

As tentativas anteriores de relacionar-se com a política haviam sido absolutamente frustradas. Durante a guerra, Sartre e seus amigos, com a discreta participação de Beauvoir, formam um grupo que pretendia desenvolver ações de resistência ao ocupante.

“*Socialisme et liberté*” não passaria, no entanto, de um conjunto de intelectuais sem objetivos claros, mergulhados em discussões intermináveis e nebulosas e mais preocupados com o pós-guerra do que com a derrota do nazismo. Seus longos manifestos não sensibilizavam ninguém e a operação de seduzir

⁷ “A trajetória de Simone de Beauvoir é, mais do que qualquer outra, condicionada pela de Sartre. Ela reflete concretamente a divisão tradicional de trabalho entre os sexos. Sartre elabora princípios filosóficos, estéticos, éticos e políticos do existencialismo. Sua companheira aplica, difunde, esclarece, apóia, administra.” Cf. BOSCHETTI, Anna. *Sartre et le Temps Modernes*. Paris, Editions de Minuit, 1985, p.240. Essa subalternidade assumida aparece em toda sua obra memorialística e é confirmada por seus biógrafos. Quando de sua intensa paixão pelo escritor norte-americano Nelson Algreen, Simone adia uma sonhada e planejada viagem a Chicago, onde ele vivia, para poder apoiar Sartre, naquela momento envolvido em intensa atividade política. Cf. BAIR, Deirdre. Op.cit., capítulos XXVIII e XXIX. As relações entre ela e o autor de *O homem do braço de ouro*, inclusive o episódio em questão, estão em BEAUVOIR, Simone. *Lettres à Nelson Algreen – un amour transatlantique – 1947-1964*. Paris, Gallimard, 1997.

outros intelectuais de prestígio (muitos já ligados à Resistência) redundam em fracasso total.

O grupo não inspira confiança; seus principais mentores estão muito expostos e em determinados momentos chegam a ser acusados de velado colaboracionismo, ainda que nenhuma acusação formal tenha sido feita quando da Libertação.⁸

Simone de Beauvoir nasceu em 1908 em uma França burguesa, que ainda vivia o rescaldo do *affaire Dreyfus*, que dividira profundamente o país. Quando a Grande Guerra terminou, em 1918, ela tinha apenas 10 anos de idade. Sua família começa a sofrer dificuldades financeiras e sofre um *déclassement* de fortes conseqüências sobre a trajetória de Simone e de sua irmã mais moça, Hélène. Seu pai vive atormentado pelo fato de que suas filhas não poderão aspirar um bom casamento, por falta de dote. Resta-lhes apenas escolher uma profissão.

A crise econômica dos anos 80 e a Guerra de 1914-18 haviam, no entanto, contribuído decisivamente para mudar a condição feminina na França.

A própria educação deixara de ser para as mulheres apenas um instrumento de preparação de moças para o casamento. Somente em 1924, no entanto, é que as mulheres terão acesso ao

⁸ Cf. COHEN-SOLAL, Annie. Op.cit., pp.224-244 e BAIR, Deirdre. Op.cit., pp.283-301. As acusações feitas a Sartre estão relacionadas ao fato dele ter publicado durante a ocupação seu tratado filosófico *L'Être et le Néant* e de ter encenado sua peça *Les Mouches*, o que exigia autorização dos ocupantes. A peça de Beauvoir *Les Bouches Inutiles* também foi encenada durante a ocupação e foi igualmente autorizada pelos ocupantes. Quando da "depuração", no pós-guerra, os nomes de Simone e Sartre não foram sequer mencionados como passíveis de qualquer sanção. As críticas feitas a Sartre sobre a montagem de *Les Mouches* são contestadas por GALSTER, Ingrid. *Les Mouches sous l'Occupation – à propos de quelques idées reçues*. In: *Les Temps Modernes*, n°s 531 a 533, vol 2, octobre de 1991, pp.844-859. A despeito da inconsistência de *Socialisme et Liberté*, a simples existência do grupo é relevante, pois "sem reduzi-los a uns poucos indivíduos, perdidos em uma massa indiferente, é bom que se diga que os resistentes permaneceram minoritários em meio a uma maioria de franceses expectantes." Cf. AZÉMA, Jean-Pierre. *Le Dossier Jean Moulin*. In: *Histoire*, n° 233, juin 1999, p.56.

baccalauréat, o famoso exame de conclusão do curso secundário que permitia o acesso à universidade

A infância pobre, somada ao conservadorismo político do pai e à extrema religiosidade da mãe, foram contornadas pela jovem Simone. Ela mergulha nos estudos e logo revela seu “cérebro de homem”, para utilizar a expressão empregada por seu pai.

Proibida de fazer seus estudos universitários na Escola de Sèvres, considerada ideologicamente perigosa pela mãe, ela dirige-se à Sorbonne. Com vinte anos obtém seu *Diplôme*. Ela consegue o segundo lugar, atrás de Simone Weil, mas à frente de Maurice Merleau-Ponty. Pouco depois passa sua *agrégation*. Sua prova oral é brilhante, conforme os testemunhos da exigente banca examinadora. Mais uma vez ela obtém o segundo lugar. Em primeiro é admitido um conhecido recente seu, aluno da École Normale Supérieure, e que havia sido reprovado no concurso do ano anterior. Seu nome: Jean-Paul Sartre.⁹

Graças a seu “cérebro de homem”, que lhe permitira ingressar no fechado círculo de Sartre e Paul Nizan, Simone nunca se sentira discriminada enquanto mulher.

Poucos anos depois, já professora no Liceu Jeanne D’Arc, em Rouen, ela se aproximou de Collete Audry, simpatizante do Partido Comunista e com idéias feministas. Mas, a despeito da amizade que nasceu entre as duas, e que duraria até sua morte, ela não se deixou inicialmente entusiasmar pelas posições da amiga.

Collete Audry tinha projetos de um livro sobre a condição feminina. Muitos anos depois, Simone a encontraria no *Café Flore* e lhe comunicaria que decidira escrever o livro que Audry planejara. Nascia *O Segundo Sexo*.

⁹ A reconstituição desses anos está extensamente desenvolvida em BEAUVOIR, Simone. *Mémoires d’une jeune fille rangée*. Paris, Gallimard, 1958, 512 p. Ver igualmente os 13 primeiros capítulos de BAIR, Deirdre. Op.cit.

Simone de Beauvoir e a política

Beauvoir revelara desinteresse pela política, mesmo quando a França foi sacudida pelos efeitos globais da crise de 1929 ou, um pouco mais tarde, pelo “Caso Stawisky” que alimentou perigosa tentativa da extrema direita de assalto ao poder.

Em 1938, quando Hitler decide ocupar os sudetos da Checoslováquia e os dirigentes da França, Grã Bretanha, Itália e Alemanha reúnem-se em Munique para discutir como evitar a guerra, Beauvoir não tem percepção da gravidade da situação. Ela ingenuamente compartilha o sentimento de alívio que se havia apossado da maioria dos franceses, quando viram Daladier e Chamberlain ostentar as “garantias” que Hitler lhes havia dado por escrito. A partir das concessões obtidas na Checoslováquia, a Alemanha não tinha mais reivindicações territoriais, disse o Führer. Como se sabe, os acordos de Munique duraram um ano e em 1939 a Alemanha atacava a Polônia dando início à guerra.

O apoliticismo da jovem professora e de seu inseparável companheiro chega mesmo a irritar seus amigos próximos, como Fernando e Stépha Gerassi, engajados na causa republicana espanhola.¹⁰

Essa atitude começa a mudar, quando a guerra se abate sobre Beauvoir. Segundo confissão que ela faria anos depois em suas memórias, foi então que “a história me agarrou para não mais me deixar.”¹¹

Em 1985 ela acrescenta, em tom de autocrítica, não ter orgulho do “que eu era então – com trinta anos e sempre egocêntrica. Lamento que tenha sido necessário uma guerra para me ensinar que eu vivia no mundo e não fora dele.”¹²

¹⁰ Sartre utilizará os dramáticos dias das negociações de Munique, quando o mundo esteve à beira da guerra, como pano de fundo de seu romance *Sursis*, o segundo da trilogia *Les Chemins de la Liberté*. Ver SARTRE, Jean Paul. *Oeuvres Romanesques*. Paris, Gallimard – Bibliothèque de la Pléiade, 1981, pp.731-1133.

¹¹ A frase está em *A Força da Idade* e é citada por BAIR, Deirdre. Op.cit., p.248.

¹² Id., ib., p.244.

A despeito dessa confissão, a guerra e a capitulação francesa não provocaram nela a reviravolta política imediata que a frase faz supor. A leitura de sua correspondência com Sartre, enquanto ele esteve mobilizado, ou mesmo depois de sua prisão pelos alemães, mostra uma diminuta preocupação de Simone com a grave situação em que estava mergulhada França.¹³

À conclusão semelhante pode-se chegar, lendo os diários de Beauvoir escritos durante a “*drôle de Guerre*”, como ficou conhecida a pausa entre a invasão da Polônia pelos alemães e o início do ataque frontal a França em 40, que levaria à capitulação desta.¹⁴

O Sartre que volta a Paris depois de algum tempo de internamento no campo de prisioneiros de guerra é um homem diferente. Ele rapidamente se politizou. O impacto de uma experiência coletiva de confinamento foi decisivo. Daí surge a idéia de formar um grupo de resistência, o *Socialisme et Liberté*.

A politização de Sartre vai num crescendo, enquanto Simone o acompanha mais de longe.

Isso explica sua influência quase imperceptível nos debates políticos durante a ocupação e o segundo plano que ela se reserva na efervescência do pós-guerra. Seu horizonte político está limitado pelas iniciativas que Sartre toma.

Apesar de dispensar-lhe todo o apoio e solidariedade, Simone ocupa sempre um lugar à sombra. É o que ocorre quando não participa, apesar de inscrita, no Conselho Nacional de Escritores, uma vez que se sentia aí representada por Sartre.

Essa discrição não é mais o resultado da alienação política anterior, o “egocentrismo” de que ela fazia sua auto-crítica. O episódio da postergação de sua viagem a Chicago, para poder

¹³ Cf. BEAUVOIR, Simone. *Lettres à Sartre – vol 1. 1930-1939 e vol. 2. 1940-1963*. Paris, Gallimard, 1990. A leitura pode ser completada com SARTRE, Jean Paul. *Lettres au Castor et à quelques autres*. Vol. I, II, Paris, Gallimard, 1983.

¹⁴ Cf. BEAUVOIR, Simone. *Journal de Guerre – septembre 1939/janvier 1941*. Paris, Gallimard, 1990. O testemunho de Sartre está em seu livro *Les Carnets de la drôle de Guerre – Nov. 1939 – Março 1940*. Paris, Gallimard, 1983.

Simone de Beauvoir e a política

ajudar Sartre em suas iniciativas, é revelador, ainda que seja lícito perguntar se sua decisão foi determinada por razões políticas ou pela fidelidade a seu companheiro de sempre.

As atividades políticas de Simone de Beauvoir, desde a segunda metade dos quarenta até sua morte, permitem realizar uma dupla e interessante reconstituição histórica. Em primeiro lugar das relações dos intelectuais franceses com a política; em segundo lugar de suas relações com Sartre.

Depois de haver flertado com uma “terceira via” (a expressão foi empregada por Sartre e seus amigos nos pós-Guerra) que guardasse equidistância entre o capitalismo e o comunismo soviético, Simone, seguindo Sartre, se aproximará lentamente dos comunistas, no marco da situação política mundial criada com o advento da “Guerra Fria”.

A nova conjuntura internacional dividira os intelectuais que haviam estado unidos na Resistência, inclusive o núcleo do *Temps Modernes*, provocando o distanciamento de Sartre/Beauvoir em relação a Raymond Aron, Albert Camus e Merleau Ponty, sucessivamente¹⁵

Os projetos de Sartre, associado a David Rousset, de formar um movimento político – o Rassemblement Démocratique Révolutionnaire (RDR) – duram pouco. Beauvoir manteve-se de certa forma distante da iniciativa, ainda que apoiando Sartre.

A aproximação com o PCF data de 1951-52.

Neste ano Sartre inicia publicação no *Temps Modernes* de “Os comunistas e a paz”, no qual ele explicita as bases filosóficas de suas novas opções políticas.¹⁶

¹⁵ Boa parte desses conflitos aparece sob forma literária em *Les Mandarins*. A ruptura de Merleau-Ponty com o *Temps Modernes* só se dará em 1953.

¹⁶ “Les communistes et la paix” foi publicado em várias partes no *Temps Modernes*, em julho de 1952, outubro-novembro do mesmo ano e a última parte em abril de 1954. Uma versão integral do texto está em SARTRE, Jean Paul. *Situations, VI – problèmes du marxisme, 1*. Paris, Gallimard, 1964, pp.80-384.

É interessante observar que quando Merleau Ponty critica em 1955 as posições de Sartre vis-à-vis os comunistas, quem sai em sua defesa é Simone de Beauvoir.¹⁷

Desse mesmo período, com fortes marcas do clima de polarização ideológica da “Guerra Fria”, é o texto em que Simone ataca o pensamento de direita caracterizado, segundo ela, por um profundo pessimismo histórico que corresponde à falta de perspectiva de seus intelectuais.¹⁸

Em 1956, os intelectuais de esquerda são atingidos por um verdadeiro terremoto político-ideológico. Em fevereiro desse ano, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Krushev pronuncia o seu famoso “Relatório Secreto”, no qual denuncia parte dos crimes cometidos na URSS durante o período de Stálin. Em novembro, os tanques soviéticos invadem a Hungria e esmagam as tentativas de construir um governo socialista e democrático naquele país.

A comoção entre os intelectuais de esquerda no mundo inteiro é enorme.

Sartre e Simone rompem com os comunistas e iniciam sua nova trajetória de intelectuais de esquerda (heterodoxa) que durará até o fim de suas vidas.¹⁹

As causas que eles abraçam são muitas. Além da já mencionada revolução cubana, Sartre/Beauvoir se empenham na

¹⁷ Cf. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Les aventures de la dialectique*. Paris, Gallimard (idées), 1955. Ver especialmente o capítulo 5, “Sartre et l’ultra bolchevisme” (pp.142-295). A resposta de Beauvoir é contundente. Ela procura demonstrar que Merleau, tergiversa a obra filosófica de Sartre – da qual era conhecedor – quando trata de estabelecer conexões entre ela e as posições políticas contingentes relacionadas com o PCF. Cf. BEAUVOIR, Simone. Merleau-Ponty et le pseudo-sartrisme. *Privilèges*, Paris, Gallimard, 1955, pp.201-272.

¹⁸ BEAUVOIR, Simone. La pensée de droite, aujourd’hui. *Privilèges*, op.cit., pp.91-200.

¹⁹ A ruptura de Sartre está em *Le fantôme de Staline*. In: *Situations, VII – problèmes du marxisme, 2*, Paris, Gallimard, 1965, pp.144-307, anteriormente publicado no *Temps Modernes* em fins de 1956 e no início de 1957.

Simone de Beauvoir e a política

defesa da independência da Argélia, na oposição a Quinta República do general De Gaulle, na denúncia dos crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos no Vietnã (Tribunal Russel) e obviamente no apoio ao movimento de maio-1968.

Nos “anos de chumbo” – a década dos setenta – sua presença na política é um pouco menor. Mesmo assim os dois podem ser vistos – com Michel Foucault e outros intelectuais – defendendo nas ruas de Paris os esquerdistas da *Gauche Prolétarienne*, ou denunciando as violações dos direitos do prisioneiros políticos alemães da *Rote Fraktion Armee*.

Nos dez últimos anos de sua vida, Simone assumirá um novo papel político.

Uma das conseqüências do maio-68 francês havia sido a emergência de novas problemáticas políticas que até então haviam estado confinadas na esfera privada. Uma delas é sem dúvida o feminismo. O papel de Simone aí é decisivo e exigiria uma reconstituição minuciosa, o que está fora do propósito destas notas.

Beauvoir se havia credenciado para exercer o papel de *maître à penser* do feminismo, não só na França, como no mundo inteiro, a partir da publicação de *O Segundo Sexo*, em fins dos anos 40.

No livro ela havia abordado uma questão política central: desmascarar a naturalização das relações homem-mulher e, com isso, criava as bases intelectuais (e políticas) para um projeto de libertação feminina.

O Segundo Sexo tem aparecido invariavelmente entre livros mais importantes do século XX em quase todas as listas elaboradas nestes últimos meses à medida em que nos aproximamos do ano 2000.

Quando foi publicado na França transformou-se rapidamente em um *best seller*, vendeu 20 mil exemplares na primeira semana e figurou na lista dos mais vendidos durante meses.

Cinquenta anos após sua publicação, mais de um milhão de exemplares foram vendidos na França e muitos milhões nas mais de 30 línguas em que foi traduzido

É curioso, no entanto, que, a despeito da enorme gravitação que o livro teve, de sua influência, que transformou sua autora em uma personalidade mundial (além de garantir-lhe uma existência materialmente tranqüila pelo resto de seus dias), Simone não tivesse por ele uma simpatia especial.

“Qualquer pessoa poderia ter escrito *O Segundo Sexo*, mas *Os Mandarins* e as memórias somente eu”²⁰ afirmou, como que resgatando o caráter insuperável de sua experiência vivida.

Recaída egocêntrica? Seguramente não.

Ainda que pudesse medir o alcance que seus romances e memórias tiveram na educação sentimental de muitas gerações de mulheres, é possível que ela não tenha captado todo o impacto **político** de sua obra.

A felicidade, cuja busca ela sempre anunciou; a liberdade, que ela reivindicou, construiu para si mesma e defendeu para todos são afinal valores que saíram da esfera privada onde haviam sido cultivados pelos individualismos ou confinados pelos coletivismos totalitários.

Problema complexo do ponto de vista filosófico, as relações entre público e privado, foram enfrentadas por Simone de Beauvoir em sua existência, e na obra literária que construiu para dar conta dela.

Cinquenta anos após a publicação de *O Segundo Sexo* e quase 15 anos depois de sua morte, Simone de Beauvoir vive nas reflexões que suscita no mundo acadêmico, mas seguramente nas pistas existenciais que abriu e abre para todas as moças bem-comportadas de hoje...

²⁰ BAIR, Deirdre. Op.cit., p.371.